



RESENHA

ÁFRICA SEMPRE

Isabel Ponce de LEÃO¹

Pensar e repensar a produção literária africana é desafio implícito na obra de Maria do Carmo Mendes², mesmo se, cautamente, a tenha designado *Africanidades Eletivas. 22 estudos de literaturas africanas de língua portuguesa* (Braga: INFAST. Institute for Anthropocene Studies, 2020, 280pp, ISBN: 978-989-33-0462-4) fugindo, com acuidade, da ambígua designação de literaturas africanas, ainda hoje pouco consensual, tratando-se, como se trata, de algo que teve a sua génese nos descobrimentos, passou pelos tempos da colonização, até vir desaguar na descolonização e na emancipação dos povos. A autora contorna este problema, com a sagacidade inerente ao seu postulado científico e pedagógico, elegendo os modos e as formas representativas de África e da *Negritude*, numa perspetiva artística, literária, antropológica e cultural.

De forma mais intensa do que extensa, seleciona um *corpus* que reflete a consciência das idiossincrasias de cada literatura nacional, atendendo às questões estéticas e linguísticas da sua proveniência geográfica; de facto, para além das diferenças étnicas entre as nações do continente africano, há que relevar as disparidades linguístico-culturais, divisadas nos textos literários, segundo a identidade cultural de cada autor. Estas literaturas, porque

1 Professora Catedrática da Universidade Fernando Pessoa / CLEPUL. Endereço eletrónico: <blepl13@gmail.com>.

2 Professora da Universidade do Minho. Membro integrado do CLEPUL. Especialista em Literaturas Africanas, Agustina Bessa-Luís, Comparatismo, Eco-Crítica, Literatura e Antropoceno.

sistematicamente dialogam com a tradição, intertextualizam-se reivindicando as, já referidas, perspectivas antropológica e cultural dos 22 estudos que enformam a obra.

Ao longo deles, a autora reflete no papel da tradição oral que, não cedendo à europeização, mantém forte a africanidade veiculada à literatura escrita de autores hoje sobejamente conhecidos, como é o caso de Mia Couto em cuja obra as constantes marcas de oralidade são resultantes da sua história de vida. Tal evidencia a valia cultural das literaturas africanas na preservação da identidade dos povos a que a autora de *Africanidades Eletivas* não é alheia.

Descubro, na obra acima referida, as eletividades anunciadas. As literaturas Moçambicana (8) e Cabo-Verdiana (10) merecem reflexões preferenciais ocupando grande parte do *corpus*.

Quanto à primeira, Mia Couto é seu arauto sendo objeto de 4 ensaios mais 1, correspondendo este +1 a um estudo, onde também são referidos Cortázar e Almeida Faria, com que o presente volume encerra de forma assaz ecuménica, seu traço distintivo.

A figuração dos animais, por metonímia os humanos, e as suas ações (*eg* a cobra que é a guerra), acolhendo “crenças do imaginário ancestral africano”, a reflexão no papel da narrativa curta dentro da produção ficcional do autor patenteando o sonho e o fantástico também na vertente da problemática social, assim transmitindo valores morais, filosóficos e religiosos, a sistemática procura de identidade também visível na lírica, como é o caso de *Raiz de Orvalho*, são *topoi* privilegiados por uma reflexão metódica e consistente. Salientarei ainda o pertinente e desejado diálogo entre os continentes europeu, americano e africano perseguindo aquele uma mítica “desgeografia” porque “é sempre o mesmo chão, / a mesma poeira nos versos, / a mesma peneira separando os grãos, / a mesma infância nos devolvendo a palavra/ a mesma palavra devolvendo a infância” (de “Um abraço para Manoel”, 2013). Registo ainda a inevitável referência à guerra – neste caso a guerra civil – através de um

meticuloso estudo de *Terra Sonâmbula* onde se denota como “a teorização sobre os efeitos devastadores de uma guerra que desfigurou o país e o seu povo é substituída por um processo ficcional de construção de uma poética da paisagem que harmoniza o universo humano com os universos vegetal e animal”. A abordagem à poética de Mia Couto não descarta o estilo e a criatividade linguística na gestação de novos termos, a que não me atrevo a chamar neologismos posto que resultem de associações de palavras – “sozinhidão” – que ganham uma feliz expressividade.

Ainda no âmbito da produção literária moçambicana, saliento o ensaio sobre João Borges Coelho onde Maria do Carmo Mendes privilegia a eco-crítica, que me parece ser uma das suas linhas de investigação eletivas, e sobre Paulina Chiziane cuja obra demonstra a luta da mulher “pelo reconhecimento da sua identidade familiar e social”. Longe de fazer uma leitura feminista revela, fundamentalmente, uma imensa consciência social vertida no papel da mulher, que confirma em dois outros ensaios sobre a cabo-verdiana Orlanda Amarílis.

O grande e deslembado Rui Knopfli – “poeta que deu alguns frutos de rara qualidade” segundo Eugénio Lisboa – e as práticas intertextuais com literaturas de expressão portuguesa, greco-latina e anglo-saxónica propiciam análises comparatistas, outra das suas linhas de investigação eletivas.

Os 10 ensaios sobre literatura cabo-verdiana prolongam a ideia enunciada por Mia Couto – linha primaz dos 22 estudos – sobre o desejável amplexo entre os continentes europeu, africano e americano, também pela lusofonia respeitando-se embora idiosincrasias várias. Recriado o mito de *Pasárgada* concebido por Manuel Bandeira, a autora persegue as afinidades identitárias nas literaturas dos diferentes continentes, nunca pospondo o problema cultural condicionante da diversidade das suas manifestações num oceano que parece um lago enquanto “repositório de sonhos”, *locus* da Hespéria, e, concomitantemente, imagem de aprisionamento. Tal se passa na produção literária do movimento *Claridade* de

que se destacam poetas como Jorge Barbosa, Pedro Cardoso ou Baltasar Lopes, em que, sobretudo em *Chiquinho* deste último, utopia e heterotopia (cf. M. Foucault) criam lugares outros misto de ânsia de felicidade e de realização moldadores da identidade cabo-verdiana.

Henrique Levy, Germano Almeida e Arménio Vieira – os dois últimos Prémio Camões – são também convocados; autores de obras de referência, estreitam distâncias mentais entre Portugal e África identificando / denunciando problemas sociais – a situação da mulher, o luso-tropicalismo, a seca, a colonização, a opressão – de especial sensibilidade, sem nunca olvidarem a ancestralidade clássica; num estilo depurado instituem-se vozes paradigmáticas da *Negritude*.

Em “Metamorfoses de Narciso nas Literaturas Africanas”, através das obras de José Craveirinha e Arménio Vieira, se demonstra que “o narcisismo é posto ao serviço da afirmação do poeta como cidadão moçambicano” e “conduz o escritor num propósito desmistificador dos mitos clássicos”. Aqui, e uma vez que há uma aproximação à escrita do eu, o moçambicano e o cabo-verdiano fazem evocar o grande angolano Luandino e os seus *Papéis da Prisão* escritos, justamente, no Tarrafal, em Cabo Verde.

Pepetela é abordado com o fito nos perigos pós-modernos, no mundo do Antropoceno, em que o protagonismo conferido ao ser humano remete à sua própria insignificância.

O ensaio “Em busca do Humanismo” presta tributo à *Negritude* através da evocação de André Césaire, poeta da Martinica, que teve clara influência e deu voz a escritores como Agostinho Neto, Noémia de Sousa ou José Craveirinha. A justiça é feita pela ida à génese da afirmação humanista dos povos.

Um dos meus estudos electivos, “O jazz na literatura moçambicana de *Negritude*” é demonstrativo de que esta forma musical influenciou a revolta contra preconceitos raciais convergindo com preocupações da *Negritude* que, não raro, homenageia os seus intérpretes

e a afirma (cf. *e.g.* poemas de José Craveirinha). São relevadas influências musicais nas obras de Noémia de Sousa e Rui Knopfli concluindo-se que “Mais do que uma simples referência cultural (...) o jazz foi uma linguagem de solidariedade e de fraternidade, e um vínculo que conservou a identificação entre os que ficaram em África e os que dela foram forçados a sair”. Conteúdo e forma aliam-se simulando o ritmo do *Let my people go...*

Africanidades Eletivas institui-se como um marco no estudo das literaturas e das culturas africanas de expressão portuguesa pela diversidade de temas e motivos abordados, pela escrita limpa e escorreita e pelo despretenso rigor científico das abordagens literárias. Acresce uma metodologia cuidada e corajosamente delineada. No início de cada capítulo se enunciam objectivos facilitadores da leitura que são, posteriormente, alcançados com rigor. Os 22 ensaios assumem também uma vertente pedagógica porque facilitadora e convidam os estudantes a partilharem o mundo da africanidade.

Em *Africanidades Eletivas* estão subliminarmente enunciadas as linhas matriciais da investigação de Maria do Carmo Mendes: literatura escrita por mulheres, ecocrítica, comparatismo, antropoceno, diálogos entre literaturas de diferentes nacionalidades e de literaturas com outras artes desnudando-se o perfil de uma investigadora coerente e virada para a inovação que consegue pôr a literatura nos meandros do futuro.

Registo a excelência da edição do INFAST, a que me orgulho de pertencer, que persegue o já referido ideal pedagógico. Capa policromática, apelativa, coerente com o conteúdo; mancha gráfica arejada convidativa à leitura.

Com esta obra aprende-se e apreende-se África – sempre. E isto é um elogio.